
RESENHAS/REVIEWS

***Ensaio de Teoria e Prática de Tradução. A tradução na sala de aula.* Maria Alice Araújo Ferreira, Germana Henriques Pereira de Souza e Sabine Gorovitz (Org.), Brasília: Editora da UnB, 2014. 219 p.**

Marie-Hélène C. Torres
Universidade Federal de Santa Catarina

Como Álvaro Faleiros sublinha na orelha que escreveu para *Ensaio de Teoria e Prática de Tradução, A tradução na sala de aula*, escrito por pesquisadores da Universidade de Brasília, todos trabalhando em diferentes campos da tradução e com formações variadas, abordando várias vertentes dos Estudos da Tradução bem como envolvendo diversas línguas de contato, o livro preenche uma lacuna nos Estudos da Tradução no Brasil, como o veremos a seguir.

A epígrafe do livro, de Antonio Cândido, dá o tom “[...] Reduzidas à escrita, as análises perdem forças; mas creio que ainda assim podem valer como registro dum tipo de ensino, e eventual ponto de apoio para professores e estudantes”.

Os *Ensaio de Teoria e Prática de Tradução* são oriundos de experiências em sala de aula dos cursos de Bacharelado em Letras-Tradução que completa 32 anos em 2015, ou seja, um curso pioneiro da área de Estudos de Tradução. As organizadoras do livro propõem várias *lições em sala de aula* que tem como objetivo “ser um manual para o aluno dos cursos de graduação que procura estratégias de abordagens de textos que o preparem para o exercício de



Esta obra está licenciada com uma Licença:

Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

tradução, e também pistas para a análise crítica da obra traduzida.” (p. 8). O livro se quer, portanto, uma metodologia para as questões envolvendo a prática e a crítica de tradução a partir de diversos pontos de vista sobre o ensino, sem descuidar do fato de que o que se deve considerar é o texto na sua historicidade, no seu lugar social, cultural e político, independentemente da sua tipologia.

As perguntas que o leitor pode se fazer ao ler esse livro diz respeito ao papel e à importância da tradução, a qual seria, segundo o estudioso francês Jean-René Ladmiral em *Traduire: théorèmes pour la traduction*, a segunda profissão mais antiga do mundo. O tradutor brasileiro, José Paulo Paes, considerava nos anos 1990, em *Tradução: a ponte necessária*, que a tradução, tendo para ele um papel cultural privilegiado, era uma atividade antes desprezada que útil e que ela era, portanto uma ponte necessária entre os textos e as pessoas, já que é somente graças às traduções que a maioria dos leitores têm acesso ao que se escreve de melhor no mundo. A tradução não é somente um lugar ou um meio de mudança, a tradução é também e, sobretudo, comunicação, interculturalidade, abertura ao outro e, principalmente, reconhecimento de uma cultura, de uma literatura pelas outras culturas e literaturas na cena internacional. A tradução tem, de fato, um papel fundamental na internacionalização do conceito de nação, de maneira geral, difundindo não apenas certa visão do outro, mas ainda construindo e projetando, no imaginário mútuo, uma identidade nacional, bastante distinta daquela que as culturas fazem delas mesmas. Deste modo, pesquisas em tradução permitem fazer pesquisas aprofundadas sobre a maneira como os textos são traduzidos, sobre a maneira como os tradutores traduzem, sobre a manifestação das especificidades estrangeiras e sobre eventuais conflitos linguísticos e/ou culturais.

Voltando um pouco no tempo, os anos 1970, aos quais se referem as organizadoras do livro na apresentação, marcaram uma virada cultural, sobretudo no que diz respeito às teorias da tradução. A tradução, como se sabe, está integrada em todos os níveis da so-

cidade e é tida como indispensável ao funcionamento desta. A tradução tem notadamente adquirido uma função de comunicação, ou melhor, de internacionalização da comunicação, porque ela é um ato que estabelece uma relação interativa entre as culturas. E, ainda, como o afirma Pym, o tradutor se situa na intersecção das culturas. É o mediador essencial da circulação das ideias e das obras. Sem os tradutores, não teríamos acesso, por exemplo, à *Bíblia*, à *Iliada* ou às *Mil e uma noite*, pois eles são os intermediários transnacionais que permitem as relações culturais e científicas, bem como a abertura ao outro e, principalmente, reconhecimento de uma cultura pelas outras culturas.

Ensaio de Teoria e Prática de Tradução. A tradução na sala de aula está dividido em dez capítulos, da tradução jurídica à tradução literária, passando pela lexicografia e a didática e metodologia do ensino de tradução na universidade. E a questão que o perpassa é “pode-se ensinar a traduzir?” Essa não é uma pergunta retórica. Mesmo depois de tantas experiências e durante muito tempo, a história da tradução, o testemunho de tradutores e dos críticos de tradução ainda não identificaram que este desafio é contínuo e extremamente atual. Na era digital, não deixaria de fazer as mesmas perguntas a respeito da prática e da teoria: qual o método mais apropriado para ensinar a traduzir? Quem pode aprender a traduzir? Ao examinar o ensino prático de tradução, didática ou profissional, pedagogos e professores chegaram à conclusão de que, para garantir a continuidade de uma profissão, no caso a de tradutor, deve-se transmitir conhecimentos organizados e desenvolver a capacidade de [traduzir de forma fundamentada].

O primeiro capítulo, de Elba Escalante, é dedicado ao ensino da tradução do par linguístico Português-Espanhol. A autora, que considera a tradução como experiência, se debruça sobre questões envolvendo a variação da língua espanhola no contexto da tradução no par linguístico Português-Espanhol, ou seja, do é chamado ainda de versão e quebra mitos como o da proximidade das línguas ou das linguagens portuguesa e espanhola ou o da homogeneidade

da língua portuguesa no Brasil, e recomenda que se tente sair dos limites do “conhecimento dicionarizado da palavra para procurar o saber da linguagem” (p. 29).

O segundo capítulo, que trata do ensino da tradução jurídica, é de autoria de Alessandra Ramos de Oliveira Harden, que focaliza seu estudo no tradutor. Aliás, para entender a lógica do texto traduzido, tem que se voltar para o trabalho tradutivo, como diz Berman (1995: p. 73), em *Pour une critique des traductions : John Donne*. Em busca do tradutor, Berman se questiona: quem é o tradutor? Para ele, essa pergunta tem outra finalidade que aquela que se faz a respeito de um autor (um autor não-tradutor) (qual é o autor?), afirmando que “a vida do tradutor não importa mas o que é importante saber é: qual a nacionalidade do tradutor; se ele é somente tradutor ou se tem outra profissão, se é também escritor, se produziu obras; a partir de que línguas o tradutor traduz? se ele é bilíngue, que tipo de obras traduz, se escreveu sobre a sua prática tradutória”, etc. Um outro teórico, Anthony Pym, tem uma visão oposta a de Berman, pois coloca os tradutores como pessoas de carne e osso (“flesh and blood”), enquanto seres humanos e não enquanto figuras do discurso tendo produzido uma tradução. Para Pym, o tradutor cria uma relação emocional com uma determinada cultura ou com um escritor específico. Na verdade, todas essas informações sobre a vida dos tradutores permitem ao pesquisador ou ao tradutor-aprendiz delimitar melhor as escolhas e decisões dos tradutores bem como as estratégias usadas por eles frente às limitações impostas pelo mercado do livro, pelo público-leitor, etc. Alessandra de Oliveira Harden, que trabalha com o par inglês-português, traz muitos exemplos práticos de tradução jurídica (direito constitucional, civil, penal, internacional) para conscientizar os alunos de prática de tradução a sempre definir uma estratégia e postura diante do texto a ser traduzido.

O capítulo “Traduzir: aspectos metodológicos e didáticos no ensino da tradução”, de Ana Rossi, examina vários diários de tradução,

verdadeira ferramenta para refletir sobre o processo de tradução, como o afirma. Bem que não esteja explícito no texto, imagino que o objetivo de um diário de tradução seja que o aluno reflita sobre seu trabalho, avaliando detalhadamente seu processo de tradução, observando os comentários do professor e colegas, analisando a qualidade da sua tradução, destacando pontos fortes e fracos, desafios e maneiras de usá-los para melhorar. Deste modo, o aluno-tradutor-aprendiz poderá apoiar seu julgamento em exemplos concretos e demonstrar uma avaliação de qualidade e ponderações cuidadosas. Ana Rossi procura mostrar, através de um estudo de caso, a tradução para o francês de poemas de Ferreira Gullar a partir do método de análise comparativa, as competências necessárias que um tradutor deve ter com a língua para a qual traduz e, principalmente, com sua língua materna.

Júlio Monteiro, em seu capítulo, refere-se à sala de aula de prática de tradução técnica do par linguístico espanhol-português. Ele considera que o professor de prática de tradução “é, de certo modo, um crítico de tradução” (p. 144) que acompanha a elaboração da tradução. Usa para isso textos oficiais como exercício de tradução como documentos da Comissão Econômica para a América Latina em espanhol. Júlio Monteiro dá algumas dicas metodológicas aos docentes da área de tradução que vão além do conhecimento das línguas em estudo e da falsa transparência destas. Júlio Monteiro começa, portanto, por estabelecer critérios de escolha do texto, disponibiliza todas as traduções do mesmo texto em espanhol e em outras línguas e questiona as condições de produção, distribuição e consumo do texto bem como o público-leitor almejado. Para ele, o professor de prática de tradução deveria se concentrar menos nos problemas lexicais e mais na formação do tradutor como profissional e leitor crítico, posição com a qual confesso que concordo plenamente.

De qualquer maneira, o tradutor, agente (trans)cultural, está mesmo no centro de muitos estudos presentes nesse livro, quer seja

como tradutor de legenda de filmes quer tradutor jurídico ou ainda tradutor literário. Mark Ridd, no capítulo “Os dilemas do tradutor jurídico diante do texto que se detona” ilustra suas reflexões a partir da análise de um “julgamento de uma apelação criminal no Tribunal de Justiça do Distrito Federal, publicado no Diário da Justiça em maio de 1984” para mostrar o dilema do tradutor jurídico.

Dicionários também estão no centro da formação do tradutor qualquer que sejam as línguas e culturas e as áreas da tradução envolvidas. Em relação à questão dos dicionários, Alice Maria de Araújo Ferreira lembra que existem diferentes tipologias de dicionários. Há dicionários de tudo e para tudo: dicionários monolíngues, bilíngues, interlinguísticos, extensivos, seletivos, enciclopédicos, eletrônicos, etc. O que é certo é que, se o dicionário, ferramenta indispensável aos tradutores, não é de fácil manuseio, é usado pelos tradutores na parte da prática de tradução.

Conforme a metodologia apresentada por Sabine Gorovitz, no capítulo “O projeto final do curso de tradução”, o uso de dicionário intervém depois da primeira etapa do trabalho do aprendiz-tradutor, ou seja, o pré-traduzir. Essa etapa, o pré-traduzir, inclui a delimitação do público-alvo e dos objetivos e funções do texto de chegada, bem como seu contexto de inserção. Mas, ela adverte que “quanto mais especializada for a área do texto, menos os repertórios disponíveis serão úteis” (p. 185). Conhecer em profundidade o texto a traduzir é fundamental para depois efetuar a pesquisa terminológica com êxito a partir de diversos softwares disponíveis no mercado, inclusive o RepLET, desenvolvido na UnB pelo professor René Strehler.

Germana de Sousa em “As relações perigosas na tradução: o romance *Les liaisons dangereuses*, de Laclos, e suas traduções brasileiras”, desenvolve uma metodologia de análise crítica de obras traduzidas. Germana de Sousa se baseia de início na proposta teórica de *Escola de tradutores* de Paulo Rónai para afirmar que a

sala de aula do curso de Letras-Tradução é uma verdadeira escola de tradução. Para analisar traduções literárias, o tradutor-aprendiz comece por estudar a obra e sua recepção bem como sua fortuna crítica. No caso das *Relações perigosas*, o pesquisador se beneficia da análise de Rónai, *Laclos quatro vezes para quê?* que confronta as quatro traduções existentes até 1987: a do Drummond, Borba, Milliet e Pessoa de Barros. Germana de Sousa não só traz para o seu leitor/pesquisador a análise de Rónai, mas ainda oferece um comentário de tradução a respeito da relação tempo-espaço da narrativa, sobre a questão do personagem e sobre o próprio gênero literário. E sempre lembrando que toda tradução, com seus percalços, tem o mérito de dar aos leitores o acesso a propostas inovadoras, uma obra que desconheciam se não fosse pelo viés do trabalho incansável dos tradutores.

Para os pesquisadores envolvidos na formação dos tradutores na UnB, a tradução está, como evidenciado no livro, organicamente ligada a outras disciplinas: linguística, história, psicologia, filosofia, civilização, arte, política, informática, medicina, direito, economia, literatura etc. Essas relações são justificáveis, tanto do ponto de vista dos fundamentos teóricos, como do ponto de vista pragmático. Existem, no entanto, a meu ver, dois tipos principais de tradução que dependem por sua vez do tipo de texto: a tradução literária, ou melhor, a tradução de obras - um termo que pertence a Antoine Berman - que é responsável pela tradução de obras filosóficas e obras literárias; e, a tradução, especializada ou terminológica (textos terminológicos, abrangendo diferentes áreas da atividade humana: tradução jurídica, médica, econômica, técnica, etc.). Posso afirmar que essas duas grandes áreas da tradução estão representadas no livro *Ensaio de Teoria e Prática de Tradução. A tradução na sala de aula*.